

## A língua usada como produção do espaço, do território, do lugar, do cotidiano e do sistema cultural <sup>1</sup>

Carlindo Fausto Antônio \*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-8229-6615>

### RESUMO

A língua usada, como produção do espaço, do território, do lugar, do cotidiano e do sistema cultural, apresenta a intersecção de dois objetos, a língua e o currículo, que são igualmente historicizados e/ou empericizados pelas categorias espaciais e pelos sistemas culturais. O texto tem por objetivo, primeiro, a renovação do ensino da língua portuguesa, em concordância com os lugares e com a socioespacialidade. Na mesma perspectiva, há necessidade de renovação dos currículos, com especial valorização das sistematizações não formais estabilizadas e expandidas pelos lugares e sistemas culturais. As postulações teóricas a propósito do letramento na língua cabo-verdiana, relativas às estabilizações expandidas pelos lugares e sistemas culturais, são derivadas também da inseparabilidade das categorias expressas pelo título do artigo. Metodologicamente, no tocante aos objetos, o trabalho considerou a centralidade dos processos educativos não formais e a inseparabilidade da língua e do currículo do espaço, do território, do lugar, do cotidiano e do sistema cultural. O principal resultado da análise, sem descartar outras formulações, aponta para a necessidade de renovação do currículo e do ensino da língua portuguesa em conexão com os lugares e, sobretudo, pelo impostergável letramento em crioulo e/ou língua cabo-verdiana.

### PALAVRAS-CHAVE

Geolinguística; Cotidiano; Sistema Cultural Negro-Africano E Diaspórico.



## Language used as a production of space, territory, place, everyday life and the cultural system

### ABSTRACT

The language used, as a production of space, territory, place, everyday life and the cultural system, presents the intersection of two objects, language and curriculum, which are equally historicized and/or empiricized by spatial categories and cultural systems. The text aims, first, to renew the teaching of the Portuguese language, in accordance with places and socio-spatiality. In the same perspective, there is a need to renew curricula, with special appreciation of non-formal systematizations stabilized and expanded by places and cultural systems. The theoretical postulations regarding literacy in the Cape Verdean language, related to the stabilizations expanded by places and cultural systems, are also derived from the inseparability of the categories expressed in the article's title. Methodologically, with regard to objects, the work considered the centrality of non-formal educational processes and the inseparability of language and curriculum from space, territory, place, everyday life and the cultural system. The main result of the analysis, without discarding other formulations, points to the need to renew the curriculum and the teaching of the Portuguese language in connection with the places and, above all, for the urgent need for literacy in Creole and/or Cape Verdean language.

<sup>1</sup> A língua usada, como produção do espaço, do território, do lugar, do cotidiano e do sistema cultural, foi objeto da conferência apresentada à Universidade de Santiago, Assomada, Cabo Verde, no ano de 2019.

\* Doutor em Teoria Literária e História da Literatura pela UNICAMP, Mestre em Ciências Sociais Aplicadas à Educação também pela UNICAMP, graduado em Português e suas literaturas pela PUC e em Pedagogia pela UNINOVE. É escritor, poeta, dramaturgo e professor efetivo da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, (UNILAB), Malês, Bahia. E-mail: [fausto\\_escritor@unilab.edu.br](mailto:fausto_escritor@unilab.edu.br)

## KEYWORDS

Geolinguistics; Daily; Black African And Diasporic Cultural System.

## La lengua utilizada como producción de espacio, territorio, lugar, vida cotidiana y sistema cultural

### RESUMEN

El lenguaje utilizado, como producción de espacio, territorio, lugar, vida cotidiana y sistema cultural, presenta la intersección de dos objetos, lenguaje y currículo, que son igualmente historizados y/o emperizados por categorías espaciales y sistemas culturales. El texto pretende, en primer lugar, renovar la enseñanza de la lengua portuguesa, de acuerdo con los lugares y la socioespacialidad. Desde la misma perspectiva, existe la necesidad de renovar los currículos, con especial énfasis en sistematizaciones no formales estabilizadas y expandidas a través de lugares y sistemas culturales. Los postulados teóricos sobre la alfabetización en lengua caboverdiana, relacionados con las estabilizaciones ampliadas por lugares y sistemas culturales, se derivan también de la inseparabilidad de las categorías expresadas por el título del artículo. Metodológicamente, en cuanto a los objetos, el trabajo consideró la centralidad de los procesos educativos no formales y la inseparabilidad del lenguaje y el currículo del espacio, el territorio, el lugar, la vida cotidiana y el sistema cultural. El principal resultado del análisis, sin descartar otras formulaciones, apunta a la necesidad de renovar el currículum y la enseñanza de la lengua portuguesa en relación con los lugares y, sobre todo, por la impostergable alfabetización en lengua criolla y/o caboverdiana.

### PALABRAS CLAVE

Geolinguística; Vida Diaria; Sistema Cultural Negro-Africano Y Diaspórico.

### Prólogo: Língua, lugar de afeto



Quero agradecer o gentil e fraterno convite a mim feito pelo prezado professor Luís Rodrigues, Chefe do Departamento de Ciências da Educação, Filosofia e Letras da Universidade de Santiago (US) para participar, como conferencista, dos eventos alusivos ao aniversário do Departamento. Sou também imensamente grato ao professor e amigo Fernando Jorge Pina Tavares, coordenador do Centro de Estudos Africana (CEA) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, Bahia, e interlocutor dessa relação, tão indispensável, de processos colaborativos e de intercâmbio envolvendo as universidades referidas, que aqui se encontram nas nossas intervenções, reflexões e afetos. Cumprimento, como síntese de um forte abraço à Universidade de Santiago, o Magnífico Reitor, professor doutor, Gabriel Fernandes. Aos presentes, autoridades, docentes, discentes, pesquisadores (as), funcionários (as), assento o meu abraço afetuoso e sentido.

Abro minha intervenção citando Fernando Pessoa; o poeta português afirma que “minha pátria é minha língua”. Concordo com o autor, mas complementaria dizendo que a nossa pátria é um lugar de afeto, de encontros e de mudanças. Assim, “minha pátria é minha língua”. A língua é repositório das memórias oralizadas, escritas e, sobretudo, de

imemorial rela76o com a nossa ancestralidade. 6 por tal raz6o, aquela balizada pelo afeto, que inicio o meu enunciado do tema e, mais ainda, a minha enuncia76o com a leitura de um poema dedicado 6 bela, m6stica e m6tica Assomada, t6o minha desde sempre, como o 6 tamb6m Cabo Verde.

## I

Assomada, voz interna de novos contornos, nas bocas negras, revela o fundo im6vel das 6guas que tocam a alma e os ossos.

Nela, uma m6o flutua peda7os do escuro. Outra, subverte numa linha o jogo e apresenta o negro-azul da marinha numa escarpa de peixes e sina. Vara m6gica que empurra a orla, espreme o maci7o como cana, que os olhos derretem aos ventos do Saara, que diz que a 6frica chega aqui escura como alma empilhada de penhascos, saudades pontiagudas e assomadas.

## II

A palavra assomada,

na ilha de Santiago, tem v6rias bocas de pedras achatadas e pontiagudas, mulheres que, nas feiras, com as crian7as 6s costas; vergam o corpo como aquelas viagens de Praia a Tarrafal.

Morna coladeira repetida pelo canto; batuque das nossas almas empilhadas em penhascos e saudades.

Voz assomada, presa na mem6ria Tarrafal, hist6ria batucada da nossa 6frica, abra7o e entrela7o de Cabo Verde, que 6 negro.

(*Assomada*, ANTONIO, 2019)

## Introdu76o

Quanto ao tema proposto “A l6ngua usada como produ76o do espa7o, do territ6rio, do lugar, do cotidiano e do sistema cultural”, e negritando a inseparabilidade de ensino, pesquisa e extens6o, gostaria de situar ou delimitar o tema e a fixa76o do objetivo a partir de um deslocamento espacial e epistemol6gico em cujo centro estar6 confiada a rela76o nuclear 6frica e Di6spora, perspectiva que inclui Portugal. Inclui, mas n6o delega centralidade e comando lingu6stico, a rigor, pol6tico, a Portugal. Quero apresentar, de imediato, as bases sobre as quais sustentarei a minha apresenta76o a respeito dos

percursos linguísticos e o ensino do português. As manifestações linguísticas não ocorrem fora do território, do espaço, dos lugares, do cotidiano e, especialmente, dos sistemas culturais.

## 1. Localização espacial e conceitual

Para facilitar a localização conceitual e sua relação com o tema linguístico, as categorias de análise dos fenômenos, a saber, as agências e localizações territoriais, locacionais, espaciais e cotidianas do sistema cultural negro-africano e diaspórico, com validade de pressupostos, serão, numa sequência, conceituadas.

À guisa de uma noção conceitual, começaremos, então, pelo *território*. Para a abordagem do geógrafo e filósofo Milton Santos (1996, 2000), com palavras aproximadas sobre o conjunto de sua obra, o território é chave interpretativa ou categoria analítica quando considerado como nosso quadro de vida e/ou abrigo. De modo preciso, no enunciado do autor, “o território é a base de trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população” (SANTOS, 1994a, p.47).

O *lugar*, ainda balizando o meu discurso pelo geógrafo genial (1996, 2000), é o que empiriciza o mundo; o mundo é uma abstração sem os lugares. A expressão “a África”, nos discursos eurocêntricos, comprova ou confirma o valor, a força e a centralidade como agência linguística, política e filosófica, dos lugares. Sem os lugares, o continente africano é uma abstração ou generalidade vazia, isto é, sem conteúdo humano, localizações e agências próprias.

Dentro dessa perspectiva compreensiva, o lugar é igualmente artefato, arquivo, arma, memória coletiva e ancestral que contraria o global e, na mesma amarra, as verticalidades, de modo muito especial as linguísticas, impostas pelo poder econômico, político, colonial e racial. O *espaço*, por sua vez, nas argutas sistematizações de Milton Santos (1996, 2000), é “o conjunto indissociável e contraditório de sistemas de objetos e de sistemas de ações humanas” (SANTOS, 1996, p.22).

Outro conceito ou categoria de análise indispensável para o debate e aprofundamento dos percursos linguísticos e do ensino da língua portuguesa é o *cotidiano*. A colonização, a exemplo do racismo e da racialização, se dá ou ocorre no cotidiano. O cotidiano, dimensão espacial, atualiza as desigualdades coloniais, raciais, de

classe e gênero que são estruturais do ponto de vista do poder político e estruturantes do ponto de vista linguístico, epistemológico e curricular.

Os currículos são espaços de luta por hegemonias estruturais e estruturantes da sociedade. Os currículos, que são materializações e ocupam lugar nos objetos e nas pessoas, são expressões das estruturas e das infraestruturas e, na contramão, podem validar sistematizações decoloniais, antirracismo e libertárias. Os currículos são artefatos para as lutas e para a superação, do ponto de vista sistêmico e epistemológico, dos métodos e concepções eurocêntricas e racistas, que são, invariavelmente, sinonímicas.

Os currículos, ponto ou dado nuclear para a análise dos percursos linguísticos nos contextos aqui delimitados, estão presentes, sempre como processos e projetos em disputa, na educação formal e, ao mesmo tempo, na educação não formal, isto é, na sociedade em geral. As bases estruturais e conjunturais de poder hegemonizam e validam certos currículos e igualmente ocultam outros. O processo se dá nos espaços educativos formais; nos sistemas de ensino e, ao mesmo tempo, nos processos educativos não formais; entre muitos outros, nos partidos, sindicatos, centrais sindicais, igrejas, sistemas culturais, movimentos sociais, associações recreativas, sistema jurídico, parlamentar, empresas, sistemas de comunicação e televisivo.

As estabilizações curriculares ocorrem e trata-se de uma via de conflito e disputa de mão dupla e/ou múltipla, no cotidiano dos estabelecimentos oficiais de ensino e na sociedade, ou seja, nos processos educativos não formais. Desse modo, a compreensão dos currículos esquizofrênicos e central (ANTONIO, 2015, p.130). Os currículos esquizofrênicos retratam e materializam as realidades sociais e educativas dos lugares hegemônicos localizados nos Estados Unidos da América, alguns países europeus e dos lugares hegemonzados, na África e Diáspora, entre outros, pela desordem; ordem aparente, imposta pelos currículos estadunidense e europeu.

Currículos esquizofrênicos são a negação dos lugares, isto é, eles são a negação da produção corpórea, racial, material, teórica, conceitual, linguística, epistêmica e filosófica local. O mundo, sem os lugares, é uma abstração. Quando um lugar, dotado de força financeira, política e bélica, se impõe e esmaga as realidades e produções teóricas e linguísticas locais, avultam os currículos esquizofrênicos, que são o apagamento do lugar. O apagamento da realidade linguística, racial e social espacializada cria uma identidade esquizofrênica e, na mesma desordem, uma profunda esquizofrenia no lugar e notadamente curricular.

Os currículos esquizofrênicos, hipótese explicativa para o contexto linguístico cabo-verdiano e o racial brasileiro, pedem o lugar e o cotidiano como categorias de análise espacializadas. Não é demais chamar para o debate novamente Milton Santos (1994, 2000); o geógrafo brasileiro diz que o cotidiano “é uma espécie de quinta dimensão do espaço” (SANTOS, 1994b, p.17).

## **2. Encruzilhada espacial, semântica e política**

Na mesma encruzilhada semântica, os *sistemas culturais negro-africano e diaspórico* nos ensinam que o cotidiano é dimensão espacial e atualiza, no sistema umbanda e candomblé, entre outras manifestações, o passado, o presente e o futuro. Assim, há o encontro de orixás, caboclos, pretos velhos (as) e outras divindades e entidades, que convivem no cotidiano, no espaço ritual e banal, com mulheres, homens, crianças, velhos, vivos e mortos. O cotidiano é um contínuo do instante materializado; eis aí o corpo da quinta dimensão do espaço, duração inseparável do passado, presente e futuro. O cotidiano é um feixe de instantes que engloba tudo.

Para fecharmos o leque conceitual, denominamos de *sistema cultural negroafricano e diaspórico* a totalidade que engloba manifestações culturais, artísticas, científicas, filosóficas, políticas e civilizatórias em conexão profunda com a ancestralidade e, especialmente, com o conceito de ancestralidade negro-africana. O conceito de sistema cultural negro-africano rompe com a noção reducionista da chamada cultura africana ou cultura negra no singular.

Sistema cultural implica o entendimento de que o referido sistema, totalidade material e imaterial, é meio de produção e, na mesma medida, determina um modo de produção especificamente orientado ou produzido pela noção de ancestralidade. Sendo assim, o sistema cultural negro-africano, a despeito de ser uma totalidade, tem dois motores nucleares, a saber, a política e a filosofia. Em outras palavras, ele apresenta os meios de produção e o modo específico de organização do mundo e da existência do gênero humano.

O mundo se organiza, a partir da restituição ancestral e material, de acordo com o modo de produção, às avessas ou na contramão do modo de produção capitalista, marcado pelo equilíbrio comunitário ou comunista. Os Quilombos, existentes no Brasil, territórios nos quais não há a propriedade privada da terra, são exemplares materializações desse modo de organizar a existência de mulheres e homens de modo restitutivo, equilibrado ou igualitário.



### **3. Ensino, pesquisa, extensão, disciplinas históricas e a relação África e Diáspora**

O ensino, a pesquisa e a extensão, concernentes ao campo linguístico e ao ensino da língua portuguesa, precisam, em concordância com a centralidade da relação África e Diáspora, dos conceitos, conforme delimitamos acima, *território, lugar, espaço, cotidiano e sistema cultural negro-africano*.

A primeira consideração válida para os contextos brasileiros e caboverdianos, relevando os pressupostos teóricos alinhavados nos parágrafos iniciais, é aquela que fala, por inferência, da necessidade de renovação das disciplinas históricas; processo que deve ser feito a partir do respeito e materialidade dada pelo mundo entendido a partir dos lugares.

Outro ponto vital, fundamental mesmo, é a impostergável necessidade, tendo em conta a colonização, o racismo antinegro e ativadores civilizatórios, filosóficos e epistemológicos africanos, da inclusão de componentes históricos e, na mesma linhagem, de novas disciplinas estabilizadas pelos sistemas culturais negro-africanos e diaspóricos.

Nesse universo ou contexto, como não considerar a criouliização do português? Numa certa medida, é o caso brasileiro, o crioulo cabo-verdiano ou a língua cabo-verdiana, sem dúvida, é referência direta a Cabo Verde. Na mesma tônica, não é razoável falarmos de um português caboverdiano, com características próprias? Outra indagação candente diz respeito ao ensino do crioulo caboverdiano e o ensino do português, qual a ordem necessária para o processo de letramento das crianças cabo-verdianas? Sem a hierarquização linguística colonial, defendemos, como já o fez Paulo Freire, a alfabetização e, principalmente, o letramento em crioulo cabo-verdiano. Em termos mais precisos, todo percurso educativo em Cabo Verde poderia ser feito em crioulo de Cabo Verde ou língua cabo-verdiana. O português, como segunda língua no território do país, deve ocupar qual posição no sistema de ensino formal de Cabo Verde?

### **4. Respostas assomadas**

As respostas para os pontos acima elencados demandam, concretamente, posições políticas. Aqueles e aquelas que defendem a esquizofrenia linguística, ou seja, o letramento em português no sistema de ensino e o cabo-verdiano apenas nos espaços cotidianos em Cabo Verde, não pensam assim. Será que os defensores da esquizofrenia esperam estudos, levantamentos e pesquisas que dirão, com fôlego, amanhã ou no futuro

próximo, o que hoje já sabemos ou inferimos no que toca ao letramento em cabo-verdiano?

No histórico das respostas assomadas, pontuamos a necessidade de registrar, no que concerne ao crioulo de Cabo Verde, os estudos sistematizados por Veiga (1996, 1999, 2004), que tratam do ensino do crioulo, da relação língua e poder político, bilinguismo e de representação linguística e identitária e, na mesma malha de valorização da língua capilar no cotidiano, destacar as bases, conforme Gomes (2008), para o uso do cabo-verdiano no ensino de português. Para uma discussão mais detalhada sobre a situação linguística em Cabo Verde, ver, por exemplo, Lopes (2019).

O que sabemos mostra, em oposição à esquizofrenia linguística, a eficácia, o alcance e a extensão positiva das línguas maternas nos processos de ensino e aprendizagem. Elucidando a expressão *alcance*, diríamos que o enunciado significa que o cabo-verdiano está nas entranhas orais e afetivas do país; posição que consagra o seu uso, em termos linguísticos e científico, para o letramento e/ou exercício da escrita. O conceito de *extensão*, por sua vez, é a enunciação que brada que o seu uso é mediação receptiva, co-autoral, para a compreensão das demais disciplinas e componentes curriculares. Trocando em miúdos, certamente o letramento em cabo-verdiano ampliará o acesso inicial e o progressivo entendimento crítico dos componentes curriculares de português, história, geografia, biologia e matemática.

Consonantes com a posição política e as noções de alcance e extensão enunciadas no parágrafo anterior, território, lugar, espaço, cotidiano e o sistema cultural negro-africano e diaspórico dizem, com muita propriedade, podemos enfatizar, que não há uma limitação ao campo linguístico estritamente registrado. O sistema cultural negro-brasileiro, africano, diaspórico explica didaticamente o alcance de inúmeras manifestações que atualizam e transportam, no seu processo de rua, de terreiro, de roda, de carnaval, de cortejos diversos e lúdicos, a língua afetiva, de cotidiano e ancestral.

A língua cabo-verdiana nos ensina, como manifestação do cotidiano e dinamizada pelos lugares, que as línguas universais são do poder; rigorosamente não existe língua universal. As línguas do poder são todas universalizantes, verticais. Assim e ampliando o alcance do debate, refiro-me, atualmente, ao inglês e, no passado e presente, com força na África e na diáspora negro-africana, do português de Portugal, que de referência diacrônica de base latina, se torna norma, padrão e imposição. Mas na dinâmica das relações coloniais, no Brasil, com os aportes linguísticos de diversas etnias indígenas e africanas, os estudos diacrônicos desses aportes, com ênfase na tupinização e na



africanização do português, são urgentes; sem relevá-los, avultam apagamentos, que impedem a efetiva compreensão dos fenômenos linguísticos.

O caso brasileiro, português de preto no espaço cotidiano e espacialização geolinguística indígena, revela a natureza das transformações fonológicas e da estrutura do português brasileiro. Questão a meu ver relevante, para os países que falam ou têm o português como língua oficializada, é a abordagem da gramática. Alguns autores (as), dentre eles Sérgio Arouca (2018), destacam a necessidade de abordagens que superem os dogmas e o congelamento do fenômeno linguístico.

A língua é algo vivo; sua produção, reprodução e renovação é de ordem histórica e coletiva, sobretudo. Cresce a validade da abordagem sociolinguística no ensino do português (AROUCA, 2018). Ieda Pessoa de Castro (2005) sinaliza para a pertinência de abordagens etnolinguísticas. O meu eixo de análise passa pela compreensão geolinguística e/ou de centralidade da compreensão da espacialidade linguística. É a espacialidade, aqui um recurso comparativo entre os processos linguísticos e literários, que assegura, na relação indissociável da coautoria, a recepção, com as autorias especializadas nos lugares físicos e imateriais da negrura e das empatias, a literatura negro-brasileira.

A pesquisadora Ieda Pessoa de Castro (2005) estuda os falares africanos na Bahia; Salvador e o Recôncavo Baiano cobrem o território de análise e pesquisa da linguista. Há um recorte geográfico. No entanto, ela não recolhe ou utiliza argumentos alusivos ao espaço como categoria de análise. Podemos enfatizar, considerando os estudos da professora Ieda Pessoa de Castro (1980, 2005) e de linguistas que falam em variantes regionais, que há falares dos lugares. Sobre a variação linguística ver, por exemplo, Bagno (2007; 2015) e sobre o ensino de gramática, ver, por exemplo, Possenti (1996).

O papel relativo do ensino da gramática normativa ou de uma lista descontextualizada de conceitos pede ou exige um desmonte teórico e, ao mesmo tempo, político. É mais significativo conhecer os fenômenos linguísticos; ter noção das variantes regionais, sem prejuízo de outras variantes. Território, espaço, lugar, cotidiano e sistema cultural dão corpo e extensão ao fenômeno linguístico. A gramática ou conhecimento descontextualizado da língua, reduzido à abstração gramatical, não é porta de entrada para o ensino e a aprendizagem.

O ensino de gramática atrelado a um conjunto de regras de uma única variedade (a de prestígio) e o ensino da língua do poder (e de prestígio) são artefatos que, numa

hierarquização, deixa a língua (e a variedade) do lugar relegada ao cotidiano; nos espaços formais, a gramática da língua do poder relega a língua afetiva ou materna à categoria de inferior. Os contornos de poder trafegam ou passam pela ordem esquizofrênica. No ensino, prevalece a gramática abstrata, paralisante e, no cotidiano, a língua oficializante sujeita às coautorias dos falantes. A gramática abstrata, é uma metáfora, pode descolar o sujeito histórico, estabilizador da língua materna, do entendimento social, político e curricular. Pode descolar os falantes da realidade e do urgente entendimento da dominação colonial, racial e epistêmica espacializada.

Dentro desses limites espaciais, Português e Crioulo de Cabo Verde estão numa lida sem tréguas. Jogo dúbio?! Não é o caso de Cabo Verde? Existe no arquipélago uma esquizofrenia linguística? O ensino da gramática aqui ganha extensão e profundidade hierarquizante; no embate entre o Português e o Crioulo Caboverdiano quem ocupará os espaços de comando, poder e prestígio?

É válido dizer que persiste em Cabo Verde a sina da esquizofrenia linguística; há crioulo cabo-verdiano, no espaço cotidiano, e português nos espaços de mando e comando e no espaço escolar. No que toca à reprodução hierarquizante do português de Portugal, ponto nuclear para situar o lugar paralisante e/ou de poder da gramática refere-se ao fato de a normatização ser apresentada a partir da supressão do conhecimento prévio da língua da parte dos falantes, coautores (as) ou sujeitos da recepção linguística. Na base controversa da gramática; a aluna (o) não conhece a língua; a língua é do estabelecimento, poder e regulada por acesso político, acadêmico, racial, de gênero e outros. Além disso, olha-se para o português falado em Cabo Verde como uma deturpação do “bom português”, aquele falado em Portugal.

No que tange à coautoria, ou seja, ao fato de que os falantes têm participação na mudança da língua, gostaria de trabalhar a seguinte hipótese explicativa e que sustentaria a atualização e/ou renovação do português brasileiro. A hipótese, no pêndulo África e diáspora, tem validade também para o contexto cabo-verdiano. Para tanto, partirei do enunciado *é nós*, que foi e é fruto de estabilização oral embrionariamente vinculada aos jovens do Movimento Cultural *Hip Hop* e mais ainda do *Rap*.

O movimento tem na sua base militante uma maioria negra. No exemplo apresentado, a concordância do verbo *ser* com o pronome *nós*; plural, ocorre de forma distinta do que prevê a norma tomada como padrão, que seria *somos nós* (com a presença da marca de plural no pronome e no verbo). A construção *é nós* tem valor interjetivo e de afirmação; o plural está dado pelo *nós* (*nós*). O plural em *é nós*, é o que

falam as coautorias, vem expresso duplamente, isto é, pelo pronome e pelo contexto, suporte, espaço. Os coautores(as), falantes, têm uma inconsciência e/ou consciência interna de como a língua funciona concretamente; não se trata da abstração paralisante das normas ou da norma pela norma. Outra discussão impostergável, a propósito de recuperar menção feita nos parágrafos iniciais, refere-se à etnolinguística e aos estudos feitos pela pesquisadora Ieda.

Pessoa de Castro (2000). A autora põe em destaque as invisibilidades; no caso delimitado, o território é o brasileiro e com menor ou maior ênfase para Salvador e o Recôncavo Baiano. Estudos diversos apresentam concordância no que se refere às diferenças existentes entre o português europeu e o brasileiro. As invisibilidades historiográficas, nos contextos linguísticos e literários, reduzem, no entanto, as portentosas presenças negro-indígenas no denominado português brasileiro.

Os apagamentos, no contexto brasileiro, relevando os aportes linguísticos negro-indígenas, fossilizam os estudos branqueadores e deixa as análises prisioneiras de arcaísmos e de contribuições, na estrutura de superfície da língua, de certas palavras da língua inglesa e francesa. Numa lógica da esquizofrenia identitária e linguística, o apagamento subtrai as consistentes intervenções linguísticas legadas pela tupinização do português e, num processo dado na esteira e pós trabalho escravizado e pela presença negra na Europa também, da africanização do português. No contexto brasileiro, vale destacar o quimbundo, kicongo e umbundo, línguas extremamente fortes e presentes no país, nos séculos XVII e XVIII, no trânsito e trabalho de escravizados.

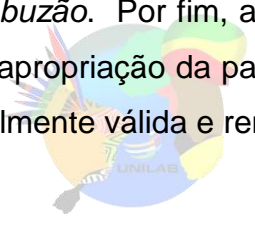
Ieda Pessoa de Castro (2000), nos territórios de Salvador e Recôncavo, estuda tais aportes legados pelos iorubas, os nagôs, processo antecedido pelos bantos. O estudo passa pela Língua de Santo, pela análise ou exame do sistema alimentar e do cotidiano ou espaço banal de Salvador e do Recôncavo Baiano. A questão, no que concerne aos legados africanos, não se limita ao vocabulário, ao léxico.

Nei Lopes (2001), a respeito do léxico, apresenta um dicionário bantu. A rigor, o autor do dicionário banto faz; ao meu ver e ao revelar encruzilhamentos filosóficos além do significado lexical, um mergulho na cosmogonia negro-africana e/ou negro-brasileira. A influência das línguas ultrapassa o vocabulário e adentra a estrutura cosmogônica e igualmente do português falado e escrito no Brasil.

## Considerações finais

O exercício ou o ofício docente passa pela desnaturalização dessa presença no português brasileiro. Os aportes do léxico, ancorados inicialmente (e principalmente) na tupinização e africanização, segundo orientação política colonial, foram aportuguesados. As línguas apresentam relações com o passado, que remete à formação da língua; mas elas têm, além desse núcleo retrospectivo, a medula e motor prospectivo especializado que, de modo antropofágico e exusístico, renova permanentemente a língua que é, sem dúvida alguma, um ser socioespacial, comunitário e, portanto, vivo.

Fecho minha apresentação com um exemplo bem atual da força do lugar, da espacialização linguística e do cotidiano. A palavra *buzão*, que assumimos ter sua origem num processo de verticalização linguística dirigido pela língua universalizante propagada pelos Estados Unidos da América e Inglaterra, foi revista pelas coautorias, os falantes do português brasileiro que, com a lógica de quem governa ou manda assentado no lugar e com a dimensão prospectiva espacial ou viva do cotidiano, abrasileiraram um termo estrangeiro; a palavra *bus*, estranha, vertical, que agora, no lugar de afeto e cotidiano, é bem nossa a palavra e o esperado *buzão*. Por fim, a língua não é abstração; há sempre um múltiplo desejo de criação e de apropriação da palavra e dos objetos. Assim, a língua humaniza e segue viva, isto é, socialmente válida e renovada.



## Referências

ANTONIO, Carlindo Fausto. Descolonização dos currículos escolares. In: SILVA, Geranilde Costa; LIMA, Ivan Costa; MEIJER, Rebeca Alcântara da Silva (Org). **Abordagens políticas, históricas e pedagógicas de igualdade racial no Brasil**. Fortaleza: UNILAB, 2015.

\_\_\_\_\_. **Patuá de palavras**, o (in)verso negro, poesia visual. Londrina: Galileu Edições, 2019.

AROUCA, Sérgio. Por uma abordagem sociolinguística do ensino do português. In: SILVA, Geranilde Costa e; OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro (Orgs.). **Experiências em ensino, pesquisa e extensão na Unilab: caminhos e perspectivas**. Volume 3. Fortaleza: Imprece, 2018.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. Por uma pedagogia da variação linguística. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico**. 5. Ed. São Paulo: Parábola, 2015.

GOMES, Maria Amélia. **Representações sobre o uso da língua cabo-verdiana em aula de português**. 146f. Universidade de Aveiro. Departamento de Educação e Psicologia. Aveiro Dissertação de Mestrado (não publicada), 2008.

LOPES, Francisco João; Oliveira, Márcia Santos Duarte de. Estudos sobre o português falado em Cabo Verde: o "estado da arte". In: OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; ARAÚJO, Gabriel Antunes de (Org.). **O português na África Atlântica**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2019. p. 17-337.

LOPES, Nei. **Novo dicionário Banto**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Os falares africanos na interação social do Brasil Colônia**. Salvador, Centro de Estudos Baianos/UFBA, nº 89, 1980.

\_\_\_\_\_. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks Editora, 2005.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 2 ed. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: HUCITEC, 1994a.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico- científico informacional**. 2 ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994b.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo. razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos**. 2.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 15-27.

VEIGA, Manuel. **O Crioulo de Cabo Verde: Introdução à Gramática**. 2a. Ed. Praia: ICLD, 1996.

\_\_\_\_\_. Language policy in Cape Verde: A proposal for the affirmation of kriolu. In: Cimboa, A.(Org.). **Journal Letters of Arts and Studies**, no 7, year 3: Boston, Capeverdean Creole Institute. 1999.

\_\_\_\_\_. **A construção do Bilinguismo**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2004.

Recebido em: 12/06/2024

Aceito em: 29/09/2024

**Para citar este texto (ABNT):** ANTÔNIO, Carlindo Fausto. A língua usada como produção do espaço, do território, do lugar, do cotidiano e do sistema cultural. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº Especial II, p.117-130, out. 2024.

**Para citar este texto (APA):** Antônio, Carlindo Fausto. (out. 2024). A língua usada como produção do espaço, do território, do lugar, do cotidiano e do sistema cultural. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial II): 117-130.



Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>